

Sonhos da juventude brasileira: A política além do voto

BEATRIZ PEDREIRA

INTRODUÇÃO: O SONHO BRASILEIRO DA POLÍTICA

■ É inegável que o Brasil está passando por um processo de transformação nos últimos anos, e quem desempenha um papel chave nesse processo é a juventude brasileira. No entanto, existe uma incompreensão do significado dessas transformações e do papel da juventude nela. Por um lado, temos um sistema político incapaz de absorver os anseios coletivos dos indivíduos e de dialogar com as práticas políticas emergentes. Do outro lado, há uma falta de consenso sobre o que as manifestações políticas recentes, como as jornadas de junho em 2013, significam, e se apontam para possíveis caminhos para a atualização da participação dos jovens na política brasileira.

As lideranças políticas do país pouco entendem esses novos fenômenos e os outros setores como a mídia tradicional tem dificuldade de fazer sentido dos novos movimentos políticos em nossa sociedade sem tentar enquadrar ou categorizá-los nas estruturas políticas estabelecidas, como ideologias de esquerda e direita, partidos políticos, movimentos sociais ou ONGs. Nesse contexto, é notável que 77% dos jovens brasileiros não se sentem representados pelas lideranças políticas e 76% não consideram participar de partidos políticos.

Para decifrar o comportamento político do jovem, é preciso, inevitavelmente, entendê-lo a partir da sua própria perspectiva de atuação política.

De fato, os questionamentos são maiores dos que as certezas. Por que as manifestações tiveram um impacto pouco expressivo nos resultados das eleições de 2014? Esse movimento foi apenas efêmero ou representa uma tendência mais ampla? O que significa quando esses jovens dizem ‘esse sistema não me representa’?

Por que o sistema político e parte da sociedade não consegue entender o que os jovens desejam? Como os jovens fazem política na prática? Em última instância, com que tipo de política sonha a juventude brasileira?

A partir dessa inquietação, o estudo *Sonho Brasileiro da Política* foi a campo em 2014 com a seguinte pergunta: O que as ações e pensamento político dos jovens nos dizem a respeito de um novo comportamento político da juventude brasileira? Por meio de métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa, o estudo ouviu 1.428 jovens de 18 a 32 anos, em todos os estados brasileiros. Os resultados são instigantes e apontam que os novos caminhos para a participação do jovem na política não parecem estar ligados diretamente a partidos e eleições.

Nesse artigo traremos um recorte dos resultados da pesquisa para exemplificar o novo comportamento e o que pode significar não apenas o futuro da democracia no país, mas o futuro da democracia num sentido mais amplo. Afinal de contas, tem surgido questões muito parecidas em outros países democráticos ao redor do mundo, como na Espanha, Chile, Índia, e os Estados Unidos.

I. JORNADAS DE JUNHO, UM DESATAR DE NÓS

■ Para analisar o impacto dos protestos de junho de 2013 é preciso voltar no tempo e contextualizar historicamente o ambiente político em que jovem entre 18 e 32 anos se desenvolveu. Sem a pretensão de fazer um levantamento histórico profundo, a intenção é trazer à luz os elementos fundamentais que marcam a trajetória até as jornadas de junho.

Os jovens nascidos entre os anos de 1982 e 1996, cresceram num país em pleno processo de redemocratização. Sem as lembranças de um passado de repressão e com um cenário político e econômico fértil, o jovem desse período vive um momento particular de crescimento do país. Mas um ano foi especialmente importante: 1989 é marcado por fatos nacionais e internacionais extremamente simbólicos para os dias atuais. Enquanto que no Brasil acontecia a primeira eleição nacional democrática pós ditadura militar, internacionalmente, foi o ano da queda do muro de Berlin, representando o fim da guerra fria e da polarização ideológica extrema que dividia o mundo politicamente. Não menos importante, foi também o ano do surgimento da internet. Esses três fatos históricos: redemocratização, pensamento não-dualista e a hiperconexão são determinantes para o desenvolvimento de um novo comportamento político entre os jovens brasileiros.

Além disso, desde 1992 o jovem brasileiro não se mobilizava massivamente por uma causa política e até 2013, era comum a opinião que o jovem no Brasil

tinha se despolitizado. Se olharmos com as lentes das estruturas políticas estabelecidas, podemos enxergar a situação dessa maneira. Porém, a verdade é que os jovens começaram a encontrar em outros espaços uma forma de escoar sua vontade de transformar o país. A partir de 1994 até 2010, as ONGs desempenharam um papel relevante na sociedade civil e vivenciamos o chamado ‘boom das ONGs’. Num momento em que o Estado se reorganizava num sistema democrático, essas organizações da sociedade civil atraíram a atenção dos jovens como um espaço de transformação social. Numa escala menor, as marchas, passeatas e manifestações continuaram, porém eram nichadas, restritas a bandeiras específicas e institucionalizadas, ligadas a movimentos estudantis, sindicatos, movimentos sociais e partidos.

Em 2009, começou uma onda de manifestações políticas em vários países, como na Islândia e na Tunísia. Logo em 2011, jovens tomaram as ruas e no Egito iniciou-se um movimento mais amplo no Oriente Médio, inicialmente chamado “Primavera Árabe”. No mesmo ano, a revista Time colocou em sua capa o manifestante como ‘a pessoa do ano’. Em 2013, essa onda atingiu o Brasil e milhares de pessoas foram às ruas para protestar, pela primeira vez em mais de duas décadas.

Para os jovens, junho de 2013 foi um grande catalisador simbólico, um encontro físico com a democracia. Um evento dessa magnitude não poderia passar despercebido: 92% dos jovens entrevistados souberam das manifestações e 18% deles participaram dos protestos, que em números absolutos, representam mais de 6,5 milhões de jovens nas ruas de todo país. As razões para sua participação são diversas, mas 70% afirmam que foram às manifestações porque consideram o ato uma ferramenta importante para mudar o país.

Para os jovens entrevistados, um dos principais benefícios das manifestações foi romper o estigma que o jovem brasileiro não se mobiliza politicamente. O sentimento entre eles é que as manifestações desobstruíram um canal e a vontade de participar das manifestações ganhou fluxo e intensidade. Um ano depois das manifestações, 18% dos jovens afirmaram se interessar mais por política do que antes, e 26% afirmam que as manifestações criaram pontos de encontro e aproximou pessoas com interesse em comum.

Foi possível perceber nas conversas com esses jovens e em suas respostas que com as manifestações, a essência da política começou a ser resgatada. A percepção é de que uma luz acendeu na caixa preta da política nacional e se tornou visível para mais jovens. Dessa forma, a política passou a se desmistificar, e a participação tornou-se mais possível e acessível. Esse encontro entre os jovens e a política caracteriza um momento de efervescência. As discussões e os encontros

começaram a fazer parte do dia a dia do jovem e começou a estar presente, cada vez mais, nas mesas de bares, nos almoços em família, na timeline do Facebook, nos grupos do whatsapp e nas notícias de TV. A política ganhou um novo status e passou a ser cool.

Diferentemente do que aparece nos jornais e ao contrário de algumas análises, sobre esse fenômeno, a pesquisa demonstra que as jornadas de junho deixaram mudanças concretas. Uma delas é a retomada do espaço público pelo jovem como um espaço para o fortalecimento da cidadania e apropriação do papel político. Um exemplo concreto dessa mudança é a Assembleia Popular Horizontal da cidade de Belo Horizonte, que acontece semanalmente debaixo do viaduto de Santa Tereza.

Em formato de assembleia e com sistema de decisão horizontal, discutem-se pautas relacionadas aos desafios públicos e coletivos da cidade mineira. Cada pauta discutida coletivamente e encaminhada a grupos de trabalho específicos como educação, saúde, mobilidade, moradia etc, que discutem as propostas e soluções e deliberam coletivamente. A iniciativa acolhe cidadãos, movimentos sociais e representantes do governo. Surgiu durante as manifestações de junho para encaminhar as pautas levantadas nas ruas e chegou a reunir mais de 2.000 participantes no ápice desse período. A APH continua suas atividades semanalmente, ajudando na construção de mais assembleias em outros lugares da cidade.

Outro exemplo desse movimento é o projeto Plataforma de Ideias no Acre. Um grupo pessoas de diversas áreas (acadêmicos, funcionários públicos, estudantes e empresários), motivados pelas manifestações se reuniram para discutir propostas para o Estado. Elaboraram juntos um documento com propostas de políticas públicas, ações concretas e diretrizes para os planos de governo nas áreas Cultura, Educação, Gestão Pública, Saúde, Mobilidade Urbana, Meio Ambiente, Esporte, Segurança e Infraestrutura. O documento Proposta de Programa de Governo da Sociedade Civil foi entregue a todos os candidatos ao governo do estado do Acre em 2014. O grupo continua se reunindo mensalmente para discutir as pautas e organiza mobilizações para pressionar o governo para encaminhar as propostas elaboradas.

Movimentos como esse apontam para a capacidade de multiplicação dessas novas práticas políticas e demonstra que efeitos de 2013 se espalharam, potencializaram e germinaram de diversas formas. O grande impacto das 'jornadas de junho' foi evidenciar uma mudança na forma com que o jovem pensa e age politicamente, e foi esse comportamento que ganhou visibilidade e potência após 2013.

2. UMA FOTOGRAFIA DO ENGAJAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS

■ Antes de mergulhar no comportamento emergente capturado pela pesquisa é preciso dar um passo para trás para entender, de maneira geral, como o jovem se relaciona com a política e os diferentes níveis de engajamento que apresentam.

Para além de respostas padrões, como por exemplo, responder que uma expressão política é ‘votar’ ou ‘fazer minha parte como cidadão’, a intenção é olhar para as respostas que vislumbram algum tipo de caminho no sentido de aumentar a participação dos jovens na política. O primeiro passo é se desfazer do senso comum que o jovem não se interessa por política. Se ele não se interessa, deve-se focar na causa do problema, afinal, existem motivos reais e palpáveis para se afastar do mundo político. Os limites que o sistema atual impõe ao jovem é uma das principais barreiras para participar mais da política. 33% dos jovens afirmam que não participam porque não acreditam no sistema como é hoje e 17% não sabem por onde começar, onde buscar informações ou como se engajar. Essa situação apresenta a dificuldade que uma pessoa, que a priori não se interessa por política, começar a agir e se engajar. O custo é alto e grande parte das pessoas tem outros interesses e outras preocupações. Esses dados deixam clara a necessidade da política se tornar atraente para o jovem, afinal o jovem vive no século XXI, mas o sistema que interage foi desenhado no século passado e sofreu poucas atualizações.

Apesar das barreiras, o jovem brasileiro enxerga a possibilidade de se envolver mais, porém é necessário realizar mudanças fundamentais no jogo político atual. A primeira delas é a transparência. O jovem de hoje tem acesso a praticamente qualquer informação a qualquer momento, e não consegue se identificar com a ‘caixa preta’ da política atual. 45% afirmam que se aproximariam da política se o processo fosse mais transparente e confiável. Para participar precisa conhecer e entender onde está empenhando sua energia. Ademais, os políticos estão distantes dos interesses ou não conseguem capturar os desejos da juventude brasileira, pois 35% afirmam que se aproximariam da política se os políticos representassem seus interesses e 27% se a política estivesse mais próxima de seu cotidiano. Quando a política e seus representantes se afastam do dia a dia dos cidadãos significa que não está conseguindo desempenhar seu papel mais fundamental, de conhecer os desafios dos cidadãos que representa, dialogar e encaminhar soluções.

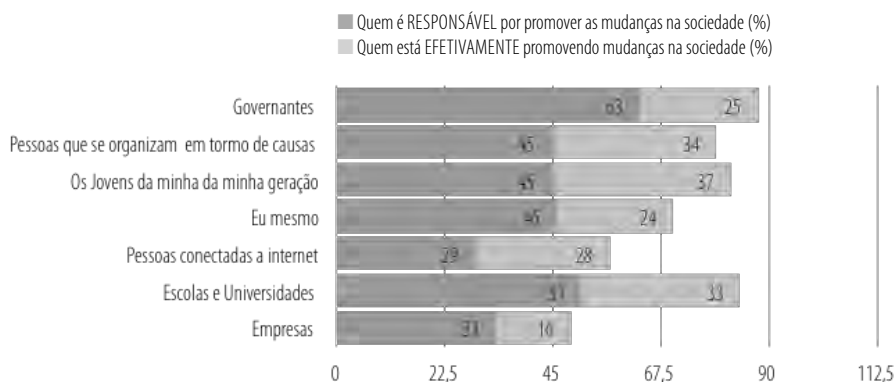
Para o jovem, política deveria constar no currículo básico de ensino. 65% dos jovens gostariam de aprender política na escola e 43% na universidade. Esses dados nos levam a crer que não é que o jovem não se engaja por política delibera-

damente, pois é muito difícil se engajar em algo que não se conhece. Ao se criar meios e condições para se interessar por política, permite-se mais liberdade para escolher se engajar ou não. Hoje, a única ferramenta que conhecem é o voto, embora não possuam a completa compreensão de como usá-lo. Apesar da carência de educação política no país, mesmo assim, 46% dos jovens brasileiros se sentem responsáveis pela transformação na sociedade. Porém, a expectativa sobre quem é responsável por transformar a sociedade é sempre maior do que sua percepção da realidade. De maneira geral, os jovens acreditam que os governantes e empresários fazem muito menos do que é sua responsabilidade. Ao mesmo tempo que o jovem espera mais dele mesmo e faz menos do que gostaria, percebe que os jovens da sua geração e as pessoas organizadas em torno de causa são os responsáveis efetivos pela transformação da sociedade. (ver tabela 1)

Os diferentes níveis de engajamento

■ Mesmo que os jovens brasileiros se enxerguem como os protagonistas de mudança na sociedade, eles apresentam diferentes formas de pensar e agir politicamente. Para identificar o nível de engajamento dos jovens, a pesquisa descobriu quatro atitudes distintas (chamaremos de Grupos), analisadas a partir de três critérios:

- Interesse na política, vontade de participar e de se engajar;
- Capacidade de mobilizar e influenciar a opinião de outros; e
- A ação concreta visando transformação; intensidade e frequência de sua atuação política.



O primeiro e maior grupo isolado, os Alheios, correspondem a 39% dos jovens. São desinteressados, sem motivação e distantes de assuntos relacionados à política. Não têm opinião formada, não estão abertos e nem fechados para o tema. Não se sentem atraídos para buscar mais informações ou se engajar. Esse jovem está mais conectado com seus desafios pessoais e cotidianos do que com os desafios coletivos e públicos. Por outro lado, se esse parece um índice alto, a pesquisa traz uma outra perspectiva ao focar nos 61% dos jovens que demonstram interesse e abertura em relação ao tema.

Numa escala, em primeiro lugar estão aqueles sem nenhuma ação e interesse político, os Alheios. Na sequência encontra-se a atitude À Deriva representando 17% dos jovens. Esse grupo é muito peculiar, foram os mais impactados pelas manifestações de 2013 no sentido de despertar para a política. São empolgados com esse novo momento político do país e possuem uma visão positiva sobre as mudanças. Acreditam que os jovens estão promovendo alterações na sociedade e gostariam de se engajar mais. Porém são passivos: têm pouca informação, baixo engajamento e nenhuma ação concreta. Esse grupo apresenta uma grande oportunidade para a sociedade brasileira para aumentar a participação de jovens na política. Afinal são pessoas que estão de fato, à deriva, esperando orientação de como agir.

A terceira atitude, os Críticos, representam 28% dos jovens brasileiros. São interessados e ativos em relação a assuntos ligados à política, estão atentos e envolvidos com o tema, mas o envolvimento prático no dia a dia é baixo, limitando-se ao voto e ações na internet, como assinar petições e compartilhar opiniões e informações nas redes sociais. Sabem que exercem influência em sua rede pessoal por serem bem informados, mas por não terem atuação presencial, sua atitude é mais ponderada.

O último grupo, onde estão os 16% restantes dos jovens, responde aos 3 critérios: são interessados, mobilizam pessoas e opiniões e têm ação concreta como grande motor da transformação. No entanto, dividem-se em dois grupos de 8% cada um. O primeiro, denominado de Agente tem uma atitude mais tradicional voltada para a transformação social, seu o foco está na ação pela via institucional, como projetos sociais, ONGs, movimentos sociais e partidos políticos.

Os 8% restantes foram identificados na fronteira do comportamento político entre os jovens brasileiros. Esse grupo está criando novas formas de participação política – isto é, não usam as vias tradicionais e sua atuação está ligada à transformação do processo político. São capazes de unir a ação online e offline na defesa de bandeiras políticas, culturais e artísticas. À essa atitude, denominou-se

“Hackers da Política”, um comportamento político emergente e disruptivo presente na sociedade brasileira.

3. HACKER DA POLÍTICA, UM DECIFRADOR DE CÓDIGOS E PROCESSOS POLÍTICOS.

■ Hackear é um novo verbo para explicar ações inovadoras e disruptivas. É a capacidade de entender os códigos de um sistema e construir novas lógicas para transformar o próprio, por dentro. Para compreender melhor o que faz um hacker é importante fazer uma distinção entre ‘crackers’ e ‘hackers’. O primeiro termo é utilizado para ações ilegais como invadir uma sistema de segurança para benefício próprio. O segundo termo descreve indivíduos que exploram as fraquezas de um sistema de computador com a finalidade de melhorá-lo. A filosofia está ligada a valores como acesso a informação, compartilhamento de dados, abertura de códigos e descentralização.

A aplicação desse conceito para definir um novo comportamento político tem inspiração nos próprios jovens entrevistados na fase qualitativa da pesquisa, pois diversas vezes utilizaram a expressão ‘hackear a política’ para explicar sua ação política.

Os Hackers da Política anunciam a partir de suas práticas uma nova forma de agir politicamente. Eles modificam, transformam, criam e desenvolvem alternativas para a participação política. Sua ação é fundamentada em quatro premissas: entendem os processos da pólis, usam os instrumentos públicos disponíveis, decodificam o funcionamento do sistema político e criam novas lógicas a partir da compreensão desses códigos.

Um exemplo desse comportamento é o coletivo A Batata Precisa de Você. Um grupo de jovens moradores do bairro de Pinheiros em São Paulo desejava tornar a praça do Largo da Batata um espaço público que oferecesse algum tipo de lazer aos moradores e aos transeuntes. Frustrados com a burocracia e morosidade das audiências públicas da Subprefeitura de Pinheiros, resolveram fazer diferente: passaram a ocupar aquele espaço por meio de atividades culturais e aulas públicas independentemente. O movimento cresceu e se tornou uma ocupação regular e semanal na cidade de São Paulo. Toda sexta-feira promovem atividades culturais aliadas a conversas sobre temas urbanos que impactam a vida na cidade e seus cidadãos. É aberto para qualquer pessoa que queira participar ou promover atividades. Esses Hackers da Política descobriram uma brecha no sistema – o fato de promover encontros e eventos na praça sem ter que pedir autorização – abri-

ram o código sobre o uso de espaços públicos para mais pessoas participarem e incentivaram outros grupos a fazerem o mesmo.

Esses exemplos ajudam a ilustrar as características que definem o comportamento do Hacker da Política. Protagonistas por essência, não esperam as soluções caírem em seus colos, tomam iniciativa e estão conscientes sobre a importância de desempenhar um papel político para conseguir as mudanças que desejam. Seguem a risca o lema ‘se eu não fizer, ninguém faz.’

Nesses casos, a base de qualquer experimento é se abrir para a mentalidade de ‘tentativa e erro’, onde é preciso independência e um pouco de ousadia para testar diferentes meios, formatos e métodos. Na política não é diferente. Para propor novas vias de participação é fundamental experimentar e arriscar. Se os sistemas políticos atuais não derem conta de atender os problemas da sociedade, é preciso mudar a regra do jogo, e é por meio da ação constante que o Hacker da Política descobre as brechas e os espaços para atuar à sua maneira, decifrando os sistemas e propondo novas regras para o jogo.

Com a liberdade para agir segundo suas próprias crenças e sem amarras institucionais pode-se construir soluções para a participação política. Esse jovem quer e precisa ter voz ativa na elaboração e execução das ações. Quanto mais espaço lhe é dado para imprimir suas ideias e propostas, mais esse jovem se engaja. Projetos prontos, instituições ou organizações com suas visões estabelecidas e sistema top-down, não são ambientes favoráveis para desenvolver um hacker da política. O distanciamento dos partidos não é trivial: 76% não consideram se filiar a partidos políticos, afinal suas estruturas rígidas, centralizadas e hierárquicas não dão espaço para esse novo comportamento emergir.

Se as estruturas e a forma como partidos e os Hackers da Política se organizam apontam suas diferenças, o conteúdo reflete mais uma divergência entre esses dois modelos de atuação. A ação protagonista do Hacker da Política se desenvolve a partir do engajamento em causas específicas, na maioria das vezes ligadas aos desafios cotidianos. Causas são as bandeiras que um indivíduo defende e a escolha pelos temas são conectadas aos valores, crenças e experiências pessoais de cada um. As causas desempenham um papel central no novo comportamento político dos jovens, permitem a ação e engajamento direto, sem necessidade de se vincular institucionalmente a um partido ou organização para promover as ideias que defendem. O Hacker da Política quer ver o resultado do seu empenho e o ativismo por causas proporcionam resultados tangíveis. Por exemplo: por mais que a causa ‘mobilidade urbana’ seja tema amplo e complexo, a conquista de políticas públicas que beneficiam o uso de bicicletas

por meio da construção de ciclovias são ganhos significativos para solucionar o desafio do transporte na cidade.

Tomar uma atitude imediata e gerar resultados concretos mantém o Hacker da Política motivado a se engajar nas causas: 67% acreditam que elas contribuem para mudar a sua realidade e 64% se mobilizam, pois são incapazes de ficar indiferentes com os problemas ao seu redor (ver tabela 1). O Hacker da Política acredita na potência da sua ação para transformar seu dia a dia e melhorar a sua qualidade de vida.

As causas são múltiplas e transitórias, em média um Hacker da Política defende seis causas simultaneamente que se sobrepõem conforme o momento e situação que vive. Por exemplo, uma Hacker da Política pode ser muito ativa na defesa pela igualdade de gênero mas quando passa a ser mãe começa atuar mais ativamente pela educação pública. Ou seja, ela não deixa de lutar pela igualdade de gênero, apenas ganhou outro peso no seu dia a dia. Esta flexibilidade para atuar, a liberdade de escolher qual tema deseja defender e o quanto e em que momento deseja intensificar a participação está inserido numa trama constante entre a ação online e offline. Com as manifestações de 2013, a impressão que o jovem se mobiliza pela internet e rede sociais teve uma análise rasa. É verdade que o jovem usa as ferramentas para mobilizar as pessoas, mas é a atuação offline que dá sustentação a sua prática política. A internet, desempenha um papel secundário, o de dar continuidade às ações executadas offline.

Quais são as causas que os hackers da política defendem? De combate a corrupção ao cicloativismo – foram mais de 30 bandeiras analisadas, e a pesquisa aponta para o gap entre as bandeiras do jovem e as causas da grande maioria dos partidos políticos. Ao analisar a tabela 2, é possível ver a desconexão desses temas com os programas e causas dos partidos. Tanto para o hacker da política quanto para o jovem em geral, as causas pelo meio ambiente e pela internet livre são bandeiras importantes e pouco abordadas pelos políticos e seus partidos. Além disso, os desafios que o jovem vive e as causas em relação às quais atua têm relação direta. 79% dos hackers da política desejam participar de maneira direta nas decisões políticas que interferem em seu cotidiano. Esse dado pode ser visto na relação entre as tabelas 2 e 3. Por exemplo, ao se engajar na ‘Cultura de Paz’ (tabela 2), o jovem busca soluções para os problemas do seu dia a dia, para combater a falta de segurança e o tráfico de drogas (ver tabela 3), mas não encontra, nos partidos e no poder público, um espaço de diálogo para encaminhar suas demandas.

Uma qualidade particular dessa atuação política é como ela se relaciona com os aspectos ideológicos de suas ações. Diferente das gerações passadas que pri-

meiro se situavam ideologicamente para então agir, o hacker da política faz o contrário, age para depois compreender que sua ação, eventualmente, pertence a um conjunto de ideias e ideais. Mas não se apegam às ideologias, elas têm papel secundário, sua identificação política é com as causas que defende.

A crise de representatividade entre jovens e os partidos, entre outros fatores, estaria assim relacionada com a desconexão entre os partidos e as bandeiras/causas dos jovens. Os Hackers da Política reconhecem a importância dos partidos, mas não os consideram como plataformas para a sua atuação política. Esses jovens são pragmáticos, propositivos e querem participar nas decisões das causas que atuam mas não enxergam os partidos atuais com a mesma postura e abertura para sua forma de atuação. Se partidos não os representam, os jovens criam novos organismos políticos que os aproximam da esfera institucional, mobilizam mais pessoas e geram as mudanças que desejam.

4. UMA RENOVAÇÃO CELULAR POSSÍVEL

■ “A importância dessa juventude, que eu me incluo, é mudar a forma de fazer política. Ainda que a gente não consiga mudar o que achamos que está errado, pelo menos mudamos a forma de fazer política.” Esta afirmação feita por um dos Hackers da Política entrevistados, aponta para o elemento experimental de sua ação política. A ação constante por uma causa constrói novos caminhos para incidir na política e conseqüentemente, traz outras possibilidades de participação política para além das práticas estabelecidas. A pesquisa denominou esses experimentos de “células democráticas”. A analogia com a biologia é essencial para entender o funcionamento e comportamento desses organismos políticos, pois assim como as novas células num corpo, atuam no sentido de renovar o sistema colocado -- no caso, a democracia. O surgimento da internet e das tecnologias gerou um processo de transformação estrutural que deu condições para o surgimento de uma sociedade em rede, baseada nos princípios da distribuição da informação, descentralização, horizontalidade e adaptabilidade. O hacker da política se desenvolve nesse contexto histórico e portanto, sua maneira de enxergar e atuar no mundo leva em consideração os princípios dessa nova organização social da sociedade atual. As características das células democráticas refletem os princípios da sociedade em rede: são fluídas, se adaptam às circunstâncias, desenvolvendo-se de maneira orgânica. Independentes e autônomas, se organizam de maneira descentralizadas e horizontal, com lideranças que desempenham papéis em momentos circunstanciais, situacionais e possuem múltiplos líderes.

Acima de tudo, são organizações articuladas entre si, isto é, possuem a liberdade e independência para unir grupos e pessoas em torno de projetos e iniciativas que se conectam à mesma causa e modelo de ação. O elemento da horizontalidade permite ao indivíduo que dela faz parte, ter seu espaço para sua voz, algo incomum em organizações hierárquicas. Para o Hacker da Política, participar e incidir nas decisões é fundamental para se manter ativo. Se as causas são o motor para a ação do hacker da política, é também o que constrói e o que alimenta a continuidade das células democráticas.

A partir do esforço para evoluir o sistema democrático, essas iniciativas se tornam laboratório para novas formas de praticar política no dia a dia. A liberdade para atuar politicamente possibilita experimentar novas práticas democráticas, desvinculadas das amarras e limitações impostas e naturais das instituições, a partir da autonomia e independência para agir dão a capacidade de ousar, inovar e propor novas soluções.

A escolha pelo nome de ‘células democráticas’ justifica-se pela semelhança com a biologia, essa relação nos ajuda a compreender seu funcionamento. Assim como as novas células de um corpo, possuem simultaneamente a fragilidade e a energia da juventude. Como as células democráticas se organizam em rede, seu comportamento é mais fluido e orgânico. O fato de não fazerem parte de um sistema rígido e preestabelecido, se adapta com maior facilidade aos contextos e situações que encontram. Por fim, como na biologia, as células democráticas têm um grande potencial de multiplicação e esta é uma de suas grandes forças. Quando as experiências e ações geram impacto conseguem inspirar outros grupos e suas ações e estratégias se espalham para outros lugares da cidade, estado ou país.

A pesquisa Sonho Brasileiro da Política identificou seis tipos de células democráticas, e para cada um, uma variedade de iniciativas. Esses tipos de células correspondem aos novos tipos de organização manifestadas pelo comportamento do Hackers da Política. Essa pluralidade de iniciativas e maneiras de incidência na política reforçam a noção de que o hacker da política encontra nas brechas as possibilidades de ampliar a participação dos cidadãos na política. Segue abaixo uma breve definição de cada célula e um exemplo para ilustrar cada uma delas:

■ Ferramentas Digitais

A internet é um grande ambiente para o desenvolvimento de diferentes formas de participação política. O ativismo ganha uma ferramenta para pressionar e fiscalizar o poder público, para mobilizar mais pessoas em torno de causas e

para decisões/consultas públicas. A busca por mais transparência, horizontalidade, liberdade e participação são condições para experimentações do universo digital.

Ex.: COLAB.RE é um aplicativo para smartphones que facilita a vida do cidadão interessado em denunciar, avaliar e propor melhorias aos serviços públicos e à infraestrutura da cidade. Conta também com uma ferramenta desenvolvida para as prefeituras gerenciarem as demandas enviadas pelos cidadãos e coordenar os casos até sua total resolução.

■ Ocupação do Espaço Público

Os lugares públicos das cidades se tornam plataformas para o exercício da democracia e se caracterizam pelo uso da arte como intervenção e os debates públicos como resgate do papel político do cidadão e da pólis. O espaço público, comum a todos, permite romper bolhas sociais e privadas para vivenciar o microcosmo da vida em sociedade. Conviver com o diferente para dialogar com os desafios da cidade, usando a cultura como instrumento de expressão e reflexão.

Ex.: OCUPE ESTELITA surgiu como forma de resistência ao projeto Novo Recife, um empreendimento imobiliário na região do Cais Estelita. A ocupação começou em abril de 2013 e desde então o espaço tem sido palco de encontros periódicos para aulas públicas, shows, festas e assembleias. Arquitetos, urbanistas, comunicadores, músicos, artistas e outros profissionais colocam seus conhecimentos a serviço do movimento que propõe a reflexão sobre a cidade e o espaço público.

■ Ativismo da Profissão

A liberdade de atuação e o engajamento a partir das causas possibilitou o surgimento do ativismo por meio do conhecimento profissional. A possibilidade de participar sem ter vínculos institucionais, possibilita que as profissões resignifiquem seu propósito social. Esse ativismo é por sua excelência o exercício de sua função social e não meio de sobrevivência.

Ex.: ADVOGADOS ATIVISTAS surgiu em junho de 2013 durante os protestos de São Paulo. Atuação visa a garantir o direito de expressão, reunião e direitos humanos dos cidadãos que desejam se manifestar. Os advogados acompanham as manifestações de rua e defendem manifestantes e ativistas detidos pela polícia em condições ilegais. Por meio de aulas públicas ensinam sobre direitos humanos e sobre a liberdade de se manifestar. Todos os colaboradores dos Advogados Ativistas são voluntários.

■ Mobilização Cívica

Para as causas ganharem espaço e relevância na agenda política é preciso mobilizar milhares de cidadãos para pressionar o poder público. As mobilizações cívicas usam estratégias de comunicação para articular redes online (ex: petições online) e offline (eventos e mobilizações de rua) na busca de apoio. Algumas estratégias usam a articulação com parlamentares para que defendam ou proponham projetos de lei em prol da causa em questão. A essência dessa célula democrática é advogar por uma causa/bandeira.

Ex.: BOM SENSO FUTEBOL CLUBE · Por meio da mobilização da sociedade e articulação com o governo e o Congresso Nacional, o movimento Bom Senso Futebol Clube cobra mais transparência e democracia dentro da CBF, propõe um novo calendário para o futebol brasileiro e regras mais rígidas para a administração financeira dos clubes.

■ Parceria Público Privada e Popular

As iniciativas públicas, populares e privadas tem o objetivo de unir em torno do bem comum os 3 setores da sociedade: empresas/institutos, governo e população. Essas parcerias são uma evolução dos projetos parceria publico-privada praticados amplamente na sociedade. A inclusão da população visa a incluir a opinião e participação dos cidadãos na construção de políticas públicas que o beneficiam.

Ex.: RIO+ · É iniciativa PPPP para implementar soluções criativas para a cidade do Rio de Janeiro. Realiza-se uma chamada criativa para 13 categorias (por exemplo saúde, educação, uso do espaço público), as ideias são analisadas a partir de sua viabilidade e colocadas para a população votar, pela internet e em pontos estratégicos espalhados pela cidade. Para cada um dos temas, duas iniciativas são escolhidas e as ganhadoras são prototipadas. A Fundação Getúlio Vargas avalia a viabilidade dos testes virarem política pública. Se o resultado for positivo, a ideia é implementada pela prefeitura.

■ Empreendedorismo Político

A distância entre a política e a sociedade estimulou o surgimento de projetos e negócios para atender a demanda por mais participação nas decisões políticas e em novas interações com o poder público. Por serem iniciativas privadas e independentes, permitem maior flexibilidade para testar novas ferramentas para ir além das oferecidas pelo sistema democrático atual.

Ex.: ALÔ POLÍTICO E REPOLÍTICA é uma startup social que desenvolve plataformas para estimular cidadãos a conhecerem e interagirem com a classe política.

A iniciativa tem duas frentes de atuação: Gerenciador Alô Político, um sistema de gestão de gabinetes (CRM) para políticos estarem perto dos eleitores.

Essas organizações apontam para uma nova forma de diálogo com a política institucional e esse é seu grande poder de transformação, pois passam a ser ponte entre a sociedade e o poder público. Os Hackers da Política e as células democráticas ocupam um papel fundamental para a construção de novas figuras de representação política na sociedade. Ao agir, ganham visibilidade e potência, tornando-se figuras legítimas das causas e uma referência nos temas que atuam. Ao se tornarem representantes das causas tornam-se lentes pelas quais a sociedade enxerga e se comunica com a política, e a política enxerga e se comunica com a sociedade. O papel de ‘ponte’ permite traduzir os dois lugares (sociedade civil e governo) um para o outro com a intenção de aproxima-los para alcançar resultados conjuntos. Quando o prefeito de São Paulo convida uma das lideranças da ocupação ‘A Batata precisa de você’ para falar sobre as ocupações dos espaços públicos na cidade, ela está pautando o governo a partir do olhar desse movimento e das pessoas que os compõem. Diferente dos movimentos sociais tradicionais, as células democráticas não nascem ou se criam com essa intenção, mas é uma consequência de sua ação constante.

CONCLUSÃO

■ Ao apresentar os novos caminhos para a política é preciso também reconhecer suas fragilidades. Será que esses movimentos só florescem no contexto de crises efêmeras? Borbulham e desaparecem porque carecem de elementos fundamentais para se autosustentarem? Se essas ações, salvo raras exceções, não possuem a mesma legitimidade democrática como o voto, então como essas iniciativas conseguem gerar impactos reais na política? É preciso reconhecer os riscos de ampliar os mecanismos de participação na política para o próprio funcionamento e eficácia do sistema democrático, mais participação pode gerar mais morosidade nas decisões de caráter público. O debate sobre aprimorar a política contém riscos, assim como qualquer inovação que busca desafiar o status-quo. No entanto, reconhecê-los não significa que não devem ser realizados ou que não possuem um papel crucial para repensar a relação entre a política institucional e a sociedade.

Novas práticas de participação política estão sendo testadas e colocando em xeque os limites impostos pelos sistemas políticos atuais. A pesquisa Sonho Brasileiro da Política explicita os diversos tipos de experimentos que estão acon-

tecendo no país e muitas vezes são imperceptíveis a olho nu. A dificuldade de entendê-los, na maioria das vezes, é a insistência de usar os mesmos ‘óculos’ (direita, esquerda, partidos, ONGs, governo e etc.) para enxergar além. O comportamento do Hacker da Política e as células democráticas nos levam, também, a refletir sobre a importância de olhar fora da caixa para perceber novos movimentos e reconhecê-los a fim de fortalecer sua função de ‘pushing the boundaries’.

Em toda a história da humanidade, os jovens são os grandes propulsores de mudanças da sociedade, é quem tem vontade, intenção e energia de alterar o estabelecido. Se quisermos entender para onde a sociedade caminha, é fundamental tê-los como os tradutores de novos comportamentos e novas expressões para compreender o que está emergindo. Não é a toa que o jovem é o principal ator das novas movimentações políticas no Brasil e no mundo. Olhar para suas iniciativas e comportamentos é reconhecê-los como bússolas que nos orientam para qual direção olhar. O comportamento dos Hackers da Política aponta para a perspectiva de que é possível atualizar o sistema a partir dele próprio. Isto implica questionar algumas regras e encontrar as brechas de atuação e pensar em novas ferramentas para a democracia. Por enquanto as células democráticas são o laboratório desse comportamento que aponta a busca pela participação da política além do voto. De forma alguma esses movimentos subestimam a importância do voto e os partidos como uma grande ferramenta da democracia, mas não a consideram como vias únicas. Sua intenção é ampliar o leque de opções de participação para os que desejam participar mais da política.

Fortalecer o comportamento Hacker da Política e as células democráticas é, em última instância, participar delas. Existe um convite a todos os cidadãos para descobrirem suas causas e engajarem-se por meio desses experimentos. A principal qualidade das células democráticas é seu poder de se adaptar, portanto, quanto mais elas são usadas melhor ficam. A possibilidade de participar está ao alcance de qualquer pessoa minimamente interessada em transformar seu entorno. Está nas praças, nos aplicativos de celulares, nas ferramentas digitais, nas profissões, em novas oportunidades de negócios e etc. Quanto aos partidos, o recado está claro, é preciso reconhecer a necessidade de dialogar com essas iniciativas para que possam se renovar e voltarem a cumprir sua função de tradutores das demandas coletivas dos indivíduos em políticas públicas, políticas de estado e em leis.

Essas ações, debates e iniciativas não são somente importantes para o fortalecimento da democracia no país, mas apontam a necessidade de mais diálogo entre os grupos que estão debatendo o futuro da democracia não só de maneira

acadêmica, mas aplicada. O Brasil não é somente uma democracia jovem, mas possui um perfil demográfico jovem comparado com os países europeus. Devido a esse fato, o jovem brasileiro tem responsabilidade e um papel importante no debate global sobre o futuro da democracia. Se são eles que puxam a inovação, dar força e luz a essas iniciativas é também situar o país como líder nessa discussão.

BEATRIZ PEDREIRA é cientista social pela PUC-SP, designer de serviços e trabalha com projetos que estimulem e engajem a sociedade nas causas públicas. Tem nove anos de experiência em inovação pública e política. Recentemente trabalhou como pesquisadora de comportamento na Box1824 e co-criou e coordenou a pesquisa Sonho Brasileiro da Política.

ANEXOS

TABELA 1

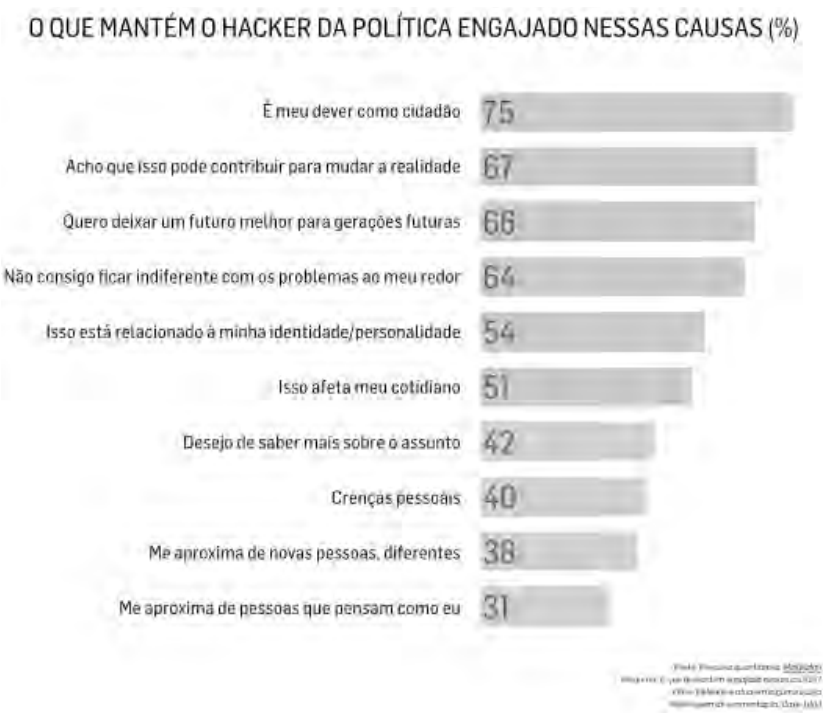


TABELA 2

Causas/ Bandeiras	Jovens simpatizam e atuam (1)	Jovens atuam (2)	Hackers da política simpatizam e atuam (3)	Hackers da política defendem (4)
Inclusão/Igualdade Social	90%	32%	97%	66%
Meio Ambiente	88%	30%	99%	57%
Cultura de paz	87%	27%	99%	50%
Internet livre	84%	29%	93%	43%
Igualdade étnica	82%	27%	98%	61%
Contra corrupção	91%	36%	99%	71%
Educação	90%	34%	100%	71%
Direto à cidade	76%	20%	91%	42%
Consumo consciente	80%	25%	91%	55%

Fonte: Pesquisa quantitativa. Sonho Brasileiro da Política (1 e 2) base total da amostra (3 e 4) base 1063 casos/modelagem de segmentação

TABELA 3

**O QUANTO ESTES TEMAS SÃO MUITO PROBLEMÁTICOS
NO LUGAR ONDE VOCÊ MORA? (%)**

TOTAL DOS JOVENS PESQUISADOS

